



A
CHÍNDIA
VAI ATROPELAR
O BRASIL

O crescimento da economia global está no conjunto dos emergentes Brics (Brasil, Rússia, Índia e China) ou a dupla China e Índia vai roubar a cena? O recente susto provocado pela China nos mercados financeiros mostra que ainda falta muito para o final desse jogo.

POR GILSON SCHWARTZ

BRASIL Influência regional frágil, investimento estrangeiro em nível chinês mas lanterninha no crescimento, pode virar o jogo investindo sobretudo em capital humano



RÚSSIA Sofreu um colapso monetário em 1998, mas assim mesmo ingressou no século 21 amparada em poder nuclear e em suas vastas reservas de recursos naturais



ÍNDIA Defendeu com vigor a tecnologia nacional transformando-se em nação de ponta na trilha do capitalismo digital (softwares, tele-marketing, entretenimento)



CHINA Híbrido comuno-capitalista sobreviveu, controla sua moeda e promove integração produtiva regional e global com forte presença de investidores estrangeiros

O Brasil pegou carona, nos últimos anos, no chamado bloco dos Brics - também integrado por Rússia, Índia e China. A sigla ganhou popularidade em 2003, quando o banco americano de investimentos Goldman Sachs, que enxerga nesses países o pelotão de frente dos emergentes, projetou um desempenho espetacular do grupo até 2050. A sigla é um jogo de palavras - brick, em inglês, é tijolo. Investir nos Brics seria participar da grande e sólida fronteira de expansão da economia global. Recentemente surgiu outra sigla que ameaça o brilho dos Brics. É Chíndia, marca de um fundo gerenciado pela consultoria de inves-

timentos Ashburton. Como sugere o rótulo, o futuro está reservado para a China e a Índia. Brasil e Rússia seriam coadjuvantes, meros fornecedores de commodities. Pesa na opção pelos asiáticos o tamanho do mercado consumidor, fator decisivo para o retorno dos investimentos nesse fundo. Nos próximos 15 anos, os dois países chegariam à condição de segunda força econômica mundial, com PIB de US\$ 16 trilhões e consumo de 25% da energia do planeta. Quem aposta na Chíndia levou um susto com a queda recorde nas bolsas em fevereiro, devido à mudança de humor quanto à economia chinesa. Mas não foi suficiente para abalar a crença no futuro dos gigantescos mercados internos da China e da Índia.

Brics versus Chíndia é, atualmente, o jogo que mais chama a atenção quando o mundo dos negócios exercita a futurologia da competição global. Vale a pena esmiuçar o desempenho do pelotão de frente dos emergentes com base em alguns dos principais indicadores. Com isso, será possível tornar mais evidentes tanto as vantagens comparativas, quanto suas vulnerabilidades. Dos cinco principais indicadores conhecidos (*veja os quadros*), dois deixam aberta a porta para Brasil e Rússia, dois jogam água no moinho do modelo Chíndia e, no quinto, o jogo empata. Tanto no cenário traçado a partir dos dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) como no índice da Economia do Conhecimento, desenhado pelo Banco Mundial, acreditar nos Brics faz sentido. Os fatores valorizados por ambas as instituições dizem respeito a crescimento, infra-estrutura, educação, saúde, tecnologia e inovação. Nos quatro países há boas chances de prosperarem arranjos produtivos regionais (das zonas especiais chinesas aos APLs brasileiros). Todos apostam, em graus variados, na vocação de operar como plataformas comerciais e infra-estruturas estratégicas para os mercados de consumo globais, tanto para atender às suas empresas globalizadas cujas matrizes estão nos Estados Unidos, Europa e Japão, quanto para apoiar as multinacionais locais na conquista de mercados externos.

O Brasil é o único membro do "quadrado mágico" que está fora do clube nuclear e é retardatário no setor aeroespacial. Mesmo sem uma retaguarda industrial-militar de peso, o desempenho do Brasil no índice da Economia do Conhecimento é notável e promissor. Engenheiros e outros profissionais chineses e indianos freqüentam há décadas, em volumes crescentes, os bancos escolares dos principais centros de ensino e pesquisa do mundo. Formam redes de contatos tecnológicos e empresariais. São portadores da globalização do capital

O Brasil é o único membro do "quadrado mágico" que está fora do clube nuclear e é retardatário no setor aeroespacial. Mesmo sem uma retaguarda industrial-militar de peso, o desempenho do Brasil no índice da Economia do Conhecimento é notável e promissor. Engenheiros e outros profissionais chineses e indianos freqüentam há décadas, em volumes crescentes, os bancos escolares dos principais centros de ensino e pesquisa do mundo. Formam redes de contatos tecnológicos e empresariais. São portadores da globalização do capital

DOING BUSINESS

FONTE BANCO MUNDIAL (WASHINGTON)

PAÍSES NA AMOSTRA 175

INGREDIENTES Indicadores ligados à facilidade para fazer negócios (impostos, leis e licenças, acesso a crédito, parcerias locais, relações trabalhistas, respeito a contratos, acesso ao comércio exterior)

BRIC X CHÍNDIA Se o importante para o desenvolvimento sustentável é fazer negócios, empreender e criar riqueza, nem Bric nem Chíndia, mas Rússia e China aparecem como territórios promissores

NOTA	CHINA	RÚSSIA	BRASIL	ÍNDIA
	4,7	4,5	3,1	2,3

3º LUGAR

ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE GLOBAL

FONTE Fórum Econômico Mundial (Davos, Suíça)

PAÍSES NA AMOSTRA 125

INGREDIENTES Indicadores relativos a instituições, infra-estrutura, macroeconomia, saúde, educação básica e superior, eficiência do mercado, habilidade tecnológica, sofisticação do meio empresarial e inovação

BRIC X CHÍNDIA O cenário Bric não faz sentido por esse indicador do Fórum Econômico Mundial. O Brasil está abaixo da média, reprovado

NOTA	ÍNDIA	CHINA	RÚSSIA	BRASIL
	6,6	5,7	5	4,7

4º LUGAR

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH)

FONTE Organização das Nações Unidas (Nova York)

PAÍSES NA AMOSTRA 177

INGREDIENTES Educação, saúde, economia

BRIC X CHÍNDIA O drama populacional indiano fica evidente na sua classificação, bem abaixo da média, recomendando ceticismo frente a especulações sobre um possível crescimento vertiginoso do mercado interno

NOTA	RÚSSIA	BRASIL	CHINA	ÍNDIA
	6,3	<u>6,1</u>	5,4	2,9

2º LUGAR

ÍNDICE DA ECONOMIA DO CONHECIMENTO

FONTE Banco Mundial (Washington)

PAÍSES NA AMOSTRA 132

INGREDIENTES Educação, ambiente empresarial, interação digital, gênero e inovação

BRIC X CHÍNDIA O cenário Bric faz pouco sentido com base no indicador da Economia do Conhecimento. A alternativa Chíndia também não passa. A colocação do Brasil é vantajosa e novas tecnologias digitais podem acelerar o aprendizado – e melhorar a sua posição

NOTA	RÚSSIA	BRASIL	CHINA	ÍNDIA
	6,7	<u>5,5</u>	4,5	2,7

2º LUGAR

ÍNDICE DE COMPETITIVIDADE MUNDIAL

FONTE International Institute for Management Development (Lausanne, Suíça)

PAÍSES NA AMOSTRA 61

INGREDIENTES Indicadores econômicos (inclusive comércio e investimentos externos), eficiência do governo e do ambiente empresarial (produtividade, relações trabalhistas, crédito) e infra-estrutura

BRIC X CHÍNDIA Chíndia é uma realidade empresarial que, pelo IMD, ainda supera muito as condições oferecidas aos empreendedores do Brasil e da Rússia

NOTA	CHINA	ÍNDIA	BRASIL	RÚSSIA
	6,9	5,2	<u>1,5</u>	1,1

3º LUGAR